

O biopoder e a necropolítica: o retrato da população negra na favela do Rio de Janeiro em “Tropa de elite”

ANDRÉ ALMEIDA SANTOS*

Resumo: O escopo do artigo é refletir como a população negra é retratada nas favelas do Rio de Janeiro na obra filmica *Tropa de Elite* (2007) de José Padilha. Nota-se que o filme é um importante veículo das representações sociais podendo contribuir para reforçar visões, refutá-las ou ressignificar categorias dentro de uma sociedade racializada. São autores basilares Mbembe (2020) e Foucault (2014). Trata-se de uma pesquisa qualitativa com viés bibliográfico. As reflexões feitas sobre a película corroboram com o viés da aplicabilidade da necropolítica em ambientes como as favelas do Rio de Janeiro. Tudo isso é mascarado por uma narrativa de combate ao tráfico de drogas que perpetua um estado de guerra não como uma exceção, mas como regra.

Palavras-chave: Racismo individual; racismo institucional; racismo estrutural; corpos negros.

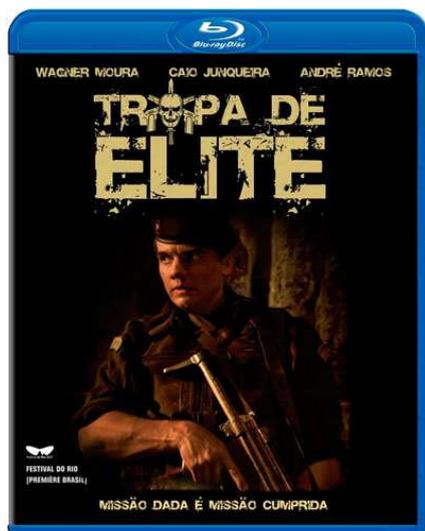
Biopower and necropolitics: the portrait of the black population in the favela of Rio de Janeiro in "Elite squad"

Abstract: The scope of the article is to reflect how the black population is portrayed in the favelas of Rio de Janeiro in the film work *Tropa de Elite* (2007) by José Padilha. The film is an important vehicle for social representations that can contribute to reinforce visions, refute them, or resignify categories within a racialized society. The authors are Mbembe (2020) and Foucault (2014). This is a qualitative research with bibliographic bias. The reflections made on the film corroborate the applicability of necropolitics in environments such as the favelas of Rio de Janeiro.

Key words: Individual racism; institutional racism; structural racism; black bodies.



* ANDRÉ ALMEIDA SANTOS é Mestrando em Relações Étnico-Raciais (UFSB) e Vice-coordenador da APLB-Sindicato - Delegacia do Extremo Sul/Teixeira de Freitas (BA), coordenador pedagógico da rede Estadual e professor de História da rede Municipal.



Introdução

O filme *Tropa de Elite* foi lançado em 2007, sucesso de crítica e público¹. A obra filmica foi dirigida por José Padilha e suscitou muitos debates sobre segurança pública, o combate as drogas, encarceramento em massa, estereótipos reforçados pelo cinema da mulher negra e do homem negro. Juntam-se a essas a questão do policial torturador, porém incorruptível do BOPE. Do outro lado, a polícia militar corrupta. Mas existe algumas questões que foram pouco debatidas pela obra filmica e o presente artigo tende a fomentá-las. Entre elas destacam-se o biopoder e a necropolítica. Assim, é preciso problematizar dentro do filme o controle da vida e da morte dos “sujeitos” que encontram-se dentro das favelas do Rio de Janeiro. Local em que o enredo ocorre. Para o controle de uma determinada população classificamos como biopoder (FOUCAULT, 2014). Ao poder de vida e morte que o Estado tem

¹ De acordo com os dados pesquisados no Cinema Brasil e que encontram-se resumidos na tabela no tecido do presente trabalho o filme *Tropa de Elite* arrecadou R\$ 20.393.792 (2007). Esse resultado acabou por colocá-lo em primeiro lugar nas bilheteria brasileiras. Sobre essa questão indicamos o trabalho de Paula Menezes, *Tropa de Elite: Perigosas ambiguidades* (2013).

² No que compete a análises de obras filmicas para dialogar com categorias o artigo de Santana &

de forma soberana sobre os corpos dos “despossuídos” classificamos como: necropolítica (MBEMBE, 2020).

Outra questão é que o racismo encontra-se dentro da película mesmo quando o diretor Padilha tenta “burlar” a narrativa de uma sociedade não racializada, ou seja, que segue padrões e orientações de uma sociabilidade em que os sujeitos são “determinados” pela ocupação dentro de uma perspectiva de classe, gênero e raça.

Foi nesse contexto que algumas questões se apresentaram no processo de análise do filme. Entre elas, como o racismo individual é retratado? Como o racismo institucional pode ser abordado? De que forma o racismo estrutural se faz presente? Quais são as relações possíveis entre cinema documental e conhecimento? Como a categoria representificação pode nos ajudar a compreender o papel do telespectador? Como essas questões estão vinculadas a biopolítica e a necropolítica?

Para trabalhar com essas questões *Tropa de Elite* (2007) é um *corpus* fértil como obra cinematográfica, tendo como seu idealizador José Padilha (2007). Para o presente trabalho não vamos abordar a película de forma linear, ou seja, não pretendemos desenvolver uma descrição dos fatos ocorridos, mas analisar como as categorias racismo individual, racismo institucional e racismo estrutural, representificação, biopolítica, por fim, a necropolítica, podem ser encontradas dentro deste trabalho².

Santana, intitulado *A Eutanásia e o exercício do biopoder: uma análise do filme Menina de Ouro* é uma das abordagens mais relevantes. Mesmo que as autoras tratem de outras categorias e deixem lacunas significativas no que compete à finalidade a que se propõe, compreendemos que o trabalho foi importante para a nossa abordagem. Com isso, sugerimos a sua leitura.

As metodologias empregadas na pesquisa foram: bibliográficas e qualitativa. Dando ênfase nas relações que se encontram presentes na obra e que podem ser encontradas dentro da realidade retratada do Rio de Janeiro. Para ter relevância compreendemos que os aspectos mais importantes devem ser retomados em função de outros que já foram abordados como a violência policial, entre outras.

Para isso, a obra de Michel Foucault (2014) *Vigiar e Punir* permitiu uma abordagem indutiva. Além do mais, Foucault pode ser classificado como um pensador da Nova História. Essa não abordava os objetos de forma linear e sim por uma História-Problema. É possível problematizar uma série de questões no objeto fílmico. As que se encontram aqui aparecem de forma implícita e outras de forma explícita. Diante disso, o destaque de cenas e narrativas é o recorte metodológico para abordar a fonte que se encontra em análise. Tendo isso em vista, ele foi o adotado.

Não resta dúvida de que muitas das questões elucidadas em *Tropa de Elite* já se encontravam dentro do ambiente dos brasileiros, pois partilhamos da perspectiva de que a sociedade dá possibilidades para criar a arte. Mas uma vez produzida, ela também influencia na própria visão que os sujeitos têm sobre o meio em que habitam. Cabe aqui a perspectiva de que a obra de arte é sempre polissêmica, ou seja, não existe uma interpretação única. E sim, maneiras nas quais o leitor também é “co-autor”. Com isso, o filme também fala dos anseios, desejos, frustrações entre outras questões que estão dentro da sociedade. Se o autor da obra não é neutro, a leitura que se faz da mesma também não pode ser vista como tal. Se uma parcela da população coloca como “herói” um policial torturador, esse aspecto também descreve

muito da sociedade que o chancelou como tal.

No campo da Arte a polissemia pode ser definida como várias maneiras de interpretar o mesmo signo. No caso do filme o leitor pode ser colocado como co-autor. Se por um lado o autor da obra tem um conjunto de elementos que ganha destaque, por outro o leitor pode legitimá-lo ou não. Nesse caso, tratamos que a grande mídia e seus departamentos de imprensa trataram de imputar no capitão Nascimento a alcunha de um homem justo que para alcançar os seus objetivos utilizaria fins que justificassem os meios. Assim a tortura seria necessária para traçar uma guerra tanto contra os traficantes quanto a uma polícia militar corrupta.

Inicialmente é possível defender que nas favelas brasileiras temos uma invisibilidade da morte de determinados seres humanos. É um avanço do Estado neoliberal que deixa as pessoas desassistidas ou com o mínimo possível e que acaba levando a morte ou deixando as mesmas próximas de situações limites com a possibilidade de morrer. Mas para compreender as motivações que levam os sujeitos a determinados fins é preciso abordar algumas categorias. Entre elas: o racismo individual, institucional, estrutural. Além disso, a representificação, o biopoder e a necropolítica.

O presente artigo tem como finalidade refletir como as categorias, racismo, biopoder e necropolítica podem ser identificadas em *Tropa de Elite* tomando como recorte a favela do Rio de Janeiro, no ano em que o Papa João Paulo II pretendeu visitar o Brasil (1997). Para melhor entendimento precisamos então elucidar as categorias aqui apenas citadas. Iniciaremos definindo o que compreendemos por representificação e as relações (im)possíveis em *Tropa de*

Elite como cinema documental e objeto de conhecimento.

A representificação e o desaparecimento do autor: as relações (im)possíveis em *Tropa de elite* como cinema documental e conhecimento

A nossa perspectiva para analisar a obra filmica *Tropa de elite* elucidada no presente artigo encontra-se vinculada entre outros aos estudos de Menezes (2004; 2003) e Sousa (2002). O primeiro, traz o conceito de representificação e suas (im)possibilidades entre cinema e conhecimento. O segundo, faz um estudo da obra de Michel Foucault destacando a crítica radical ao sentido que temos de autoria enfatizando a recusa à categoria de autor defendendo o anonimato. Com isso, conseguimos compreender melhor as narrativas e os discursos implícitos e explícitos em *Tropa de elite*.

Nesse sentido, Menezes (2003) em seu artigo *Representificação: as relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento*, traz a centralidade de que “vários autores identificam o surgimento do filme etnográfico, sociológico e documentário quase que com o próprio nascimento do cinema” (MENEZES, 2003, p. 91). Pela análise documental de Menezes (2003) caberia ao espectador fazer a distinção entre uma leitura documentarizante ou uma proposta ficcional. O telespectador passa a ser peça central ao transformar-se em coautor. De acordo com o autor:

A análise propriamente filmica coloca-se em primeiro plano, transformando as imagens do filme no material analítico primordial, do qual devem decorrer as interpretações e as proposições significativas sobre a construção do filme como parte da constituição de um imaginário social, como expressão das formas pelas quais uma sociedade concebe-se visualmente.

Exprimiria, portanto, valores, relações, concepções que só existem e se expressam nela. (MENEZES, 2004, p 22)

Retomando os argumentos acima ainda de acordo com Menezes (2003, p. 94) o filme não pode ser visto como uma representação da realidade, tendo em vista que não pode ser confundido com a própria realidade. Também não pode ser tratado pelo prisma de um duplo do real, pois não tem como finalidade ritualística unir dois mundos distintos. Em suma, não é uma reprodução tendo em vista que não é uma cópia, “não “xeroca um mundo pretensamente “externo” sem mediações (MENEZES, p. 2003, p. 94).

Nesse íterim, tomamos como campo de estudo os apontamentos do autor para a referida análise filmica quando esse apresenta tal relação entre cinema e telespectador como *representificação*. De acordo com o pesquisador o telespectador torna-se *presente* e coloca-se na *presença de*. Assim, temos uma relação entre filme e espectador que para “o filme, [é] visto aqui como filme *em projeção*, é percebido como uma unidade de contrários que permite a construção de sentidos” (MENEZES, 2003, 94). O autor define *representificação* como uma forma de experimentação em relação a alguma coisa, algo que “provoca reação e que exige nossas tomadas de posição valorativas”. Além do mais, “relaciona com o trabalho de nossas memórias voluntárias e involuntárias que o filme estimula” (MENEZES, 2003, p. 94).

Já Sousa (2002) no artigo *Que importa quem fala? – o desaparecimento do autor segundo Michel Foucault*, faz um estudo da narrativa foucaultiana realizada em uma conferência. Nela o filósofo francês produz uma crítica radical a concepção de autor/obra, deixando à mostra uma recusa à categoria de autor e ao gesto biográfico, chegando a defender o anonimato. A ideia

central é que deve-se apagar o autor para aproveitar os discursos, o que o conduz a pesquisar “quais os espaços as lacunas, e as funções livres que estes espaços deixariam descobertos” (2002, p. 123).

Em suma, pensar a obra filmica não é fazer uma reprodução da obra ou da realidade tendo como finalidade que o real pode ser copiado como reprodução igual e que lhe é exterior, porém idêntico em suas propriedades, A representificação tem como proposta apontar leituras possíveis entre o filme e os seus consumidos, por um itinerário em que não há uma centralidade hermenêutica do autor.

Uma introdução ao poder do soberano de matar em Foucault

O filósofo francês Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir* elucida de forma minuciosa as cerimônias públicas do ritual do soberano que ocorriam na Europa (FOUCAULT, 2014). Pode-se resumir que o soberano na Europa até o século XVIII ordenava que o condenado deveria trazer em seu corpo as marcas do processo punitivo e de sua condenação.

A morte como devir de destruição do corpo do condenado era realizada de forma lenta e gradual e acompanhava a decomposição do seu corpo. Nesse processo existe a cerimônia, o rito, em que o suplício ocorre pelo espetáculo. De acordo com o filósofo francês:

Até o século XVIII, tinha-se uma sociedade na qual o poder tomava a forma visível, solene, ritual da hierarquia e da soberania. Esse poder efetuava suas operações através de um conjunto de marcas, de cerimônias que o designam como soberano (FOUCAULT, 2013, p. 242)

Conforme descrito até o século XVIII a sociedade se apresenta na qual o poder tomava a forma do visível, com pompas e

solenidade, hierarquizada e com o soberano exercendo seu papel. O poder de soberania apresentava-se como um conjunto de marcas e cerimônias. É preciso compreender que mesmo podendo ser traduzida como o fim da vida, existiam outras possibilidades como cicatrizes, amputações, fraturas, pois a morte era também relacionada ao sofrimento.

De acordo com Foucault (2014), a morte, no período da Idade Média até o término do século XVIII, não pode ser compreendida se retirar dela o aspecto punitivo que imperou no Ocidente. Era preciso marcar o corpo do condenado deixando visíveis as marcas do processo punitivo. Podemos citar, como exemplo, que alguns ladrões tinham suas mãos amputadas como marca da pena a ele aplicada, o que demonstrava ao mesmo tempo o poder punitivo do soberano. Foucault (2014) descreve que a justiça sentenciou no dia 02 de março de 1757, na França, na cidade de Paris, Damiens. Sobre sua condenação é descrito que:

A pedir perdão publicamente diante da porta principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça Grève, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atezado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento (FOUCAULT, 2014, p. 9)

Nota-se que a morte é provocada sobre o domínio do corpo do suplicado. Em *Tropa de Elite* o suplício e o ritual de Roberta Fontes e Pedro Rodrigues parecem dialogar com a proposta do soberano, mas é preciso problematizar esse aspecto. Mesmo que ambos sejam brancos e trabalhavam na ONG as formas de suplício modificaram-se substancialmente em quantidade e qualidade de aplicabilidade (FOUCAULT, 2014). Os aspectos de suas mortes apresentam-se sem uma participação do público/povo. Eles são colocados dentro de pneus pelos bandidos que dão um tiro na cabeça de Roberta Fontes e queimam Pedro Rodrigues vivo. Os dois são carbonizados. Essa relação com a morte modifica-se a partir do século XVIII, pois tal episódio seria realizado em torno do público. Modifica-se a relação do povo com o suplicado. Em suma, diferente de Damiens, as vítimas não foram colocadas em praça pública e nem feito da sua morte um espetáculo. Dessa passagem do poder máximo de “fazer morrer ou deixar morrer” do soberano para o “fazer viver e deixar morrer” é o que chamamos de biopoder. Passemos para a compreensão do que Foucault classifica como biopoder para entender melhor o filme *Tropa de Elite* e suas contradições.

Introdução ao conceito de biopoder em Foucault

O biopoder pode ser definido como um ordenamento vinculado a modernidade a partir do século XVIII com o nascimento das ciências biológicas e de instituições que controla a população. O poder não pode ser visto como algo concentrado em um soberano, e sim colocado em rede. Esse poder se manifesta por meio de instituições. A escola, o hospício, o presídio, a família, a universidade, a igreja, todos utilizam-se do poder para fazer do corpo algo dócil e útil ao sistema

capitalista. Trata-se de um ordenamento de poder que controla a vida. Com isso, queremos destacar que é o primeiro momento na história da humanidade que temos mecanismos de controle biológico da espécie humana. Entre eles destacam-se o processo de natalidade, mortalidade, longevidade, desenvolvimento e morte. O Estado os incorpora com uma finalidade política, ou seja, são técnicas e mecanismos que adentram na vida de forma calculada para exercer o poder.

Para Revel (2005) a biopolítica define um viés em que o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e começo do século XIX, tendo como finalidade governar não só os indivíduos por meio de procedimentos disciplinares, porém como um coletivo de viventes constituídos para controlar a população: “a biopolítica – por meio dos biopoderes locais – se ocupará, portanto da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade”, enfim, esses aspectos da vida tornam-se questões políticas (REVEL, 2005 p. 26).

Franco (2018) ao estudar os mecanismos de controle dos corpos adentra pela categoria poder pelo viés foucaultiano. De acordo com o autor esse poder que se manifesta em rede tende a não se manifestar da maneira clássica como ocorria com o soberano. Para ele a soberania era uma tipologia centralizada. Apresenta-se de forma negativa, como a subtração dos bens, dos serviços, dos corpos, enfim “fazer morrer ou deixar viver. Com essa mudança temos o deslocamento para o gerenciamento da vida e sua possibilidade de potencializá-la. Trata-se de “fazer viver e deixar morrer”. Podemos encontrar essa descrição em Foucault da seguinte forma:

Eu creio que a manifestação desse poder aparece concretamente nessa famosa desqualificação progressiva da morte, na qual sociólogos e os

historiadores se debruçaram com tanta frequência. Todo o mundo sabe, sobretudo desde certo número de estudos recentes, que a grande ritualização da morte desapareceu, ou, em todo caso, apagou-se progressivamente, desde o final do século XVIII até agora. A tal ponto que, agora, a morte – deixando de ser uma daquelas cerimônias brilhantes da qual participavam os indivíduos, a família, o grupo, quase a sociedade inteira – tornou-se, ao contrário, aquilo que se esconde; ela se tornou a coisa mais privada e mais vergonhosa (e, no limite, é menos o sexo do que a morte que hoje é objeto do tabu) (FOUCAULT, 2005, p. 295)

Como se efetiva o poder da morte? Como exercer a função da morte em um sistema centralizado na perspectiva do biopoder? Percebe-se que o racismo se transforma em um mecanismo basilar para cumprir o poder estatal³. Essa problemática como posta é nova, pois é no século XIX que surge a perspectiva que existe apenas uma raça e que esta deve lutar pela sua perpetuação. Para isso, é preciso criar o ódio ao diferente ou tudo que não legitima e reforça o poder que essa exerce. As instituições assim, visam reforçar esse ponto de vista como podemos assistir em toda a obra de Padilha. Nela cria-se uma narrativa dos favelados como aqueles que podem colocar em risco os universitários, brancos e de classe média. O Estado e seus aparelhos precisam assim garantir a ordem. Conforme descreve Foucault:

O tema do Estado, que era necessariamente injusto na contra-história das raças, vai se transonar em tema inverso: O Estado não é o

instrumento de uma raça contra uma outra, mas é, e deve ser, o protetor da integridade, da superioridade e da pureza da raça. A ideia da pureza da raça, com tudo o que ela comporta ao mesmo tempo de monista, de estatal e de biológico, é isso que vai se substituir à ideia da luta das raças (FOUCAULT, 2005, p. 95)

Em *Tropa de Elite* o que se apresenta é o racismo estrutural que se manifesta nas instituições e nas ações dos indivíduos (ALMEIDA, 2018). O racismo em Foucault cumpre duas finalidades fundamentais. Primeiro, ele fragmenta, recorta a espécie humana em uma perspectiva biológica, criando sub-espécies que são hierarquizadas como inferiores e ruins e outras como superiores e boas. Segundo, a raça serve como justificativa para colocar o outro como inimigo que precisa ser eliminado. Em suma, “é essencial enfatizar isto, o racismo de Estado não é tanto étnico quanto o racismo biológico”. Assim, ele tem como sustentáculo as narrativas das teorias eugênicas (FRANCO, 2018, p. 37).

Porém, “para que a guerra contra as raças ameaçadoras atinja seu objetivo, não basta apenas eliminar o inimigo biológico adversário externo”, é necessário “igualmente atingir aqueles que ameaçam de dentro a espécie, os seus inimigos internos” (FRANCO, 2018, p. 37). Compreende-se então, que no filme *Tropa de Elite* a racionalidade da política do racismo encontrado na obra é a necessidade de defender a sociedade das ameaças externas, por certo, mas

Estado nazista. Os não desejáveis foram perseguidos, torturados e grande parte exterminados. O autor não trata do continente africano e do processo de colonização. No que compete a essa questão sugerimos a leitura de *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*, cujas referências encontram-se no final do presente trabalho.

³ Michel Foucault trata da raça como uma política de Estado, pois o biopoder tende a controlar o corpo transformando em corpos dóceis e úteis. Aqueles que não se transformam e apresentam essas características são os indesejáveis, mas também temos os que são vistos como perigosos para o sistema. E por fim, aqueles que não são desejáveis como ocorreu na Alemanha durante o

sobretudo, de si mesmo, dos perigos que proliferam no seu interior (FRANCO, 2018; 2020):

Assim, enquanto técnica de poder, o racismo de Estado não se manifesta apenas na guerra, mas em todas as outras situações nas quais o que está em questão é a necessidade de inscrição no solo do biopoder da máxima prerrogativa soberana do poder: *fazer morrer*. Por isso, é possível dizer que a criminalidade, a loucura, enfim, todas anomalias estarão no alvo da guerra biológica conduzida pelo Estado racista (FRANCO, 2018, p 38)

Portanto, o racismo encontra-se relacionado ao funcionamento do Estado moderno. Por meio dele ocorre o processo da colonização e do genocídio do colonizado. O biopoder generaliza-se em direito de matar que não se encontra centralizado no soberano, mas é distribuído nas instituições. Para aprofundar essa perspectiva precisamos retomar outra categoria basilar para entender o papel que os corpos negros desempenham dentro da ordem capitalista, a necropolítica.

Necropolítica em *Tropa de elite*: soberania, estado de exceção e política da morte

A necropolítica em *Tropa de Elite* é um tema transversal, ou seja, ela pode ser encontrada em toda narrativa fílmica, podemos dizer que mesmo sem usar essa nomenclatura o recorte utilizado tem como viés sua fundamentação teórico-metodológica. Podemos definir como necropolítica “a expressão máxima da soberania” que “reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (MBEMBE, 2018, p. 05). Nesse sentido, o Estado torna-se soberano, pois passa a ter o poder de matar ou de deixar viver. Esses dois aspectos compõem os atributos basilares do filme expressos pelas

posições que os personagens demonstram ao longo da trama. Compreende-se que ser soberano dentro da película é assumir o papel de Aparelho Repressor do Estado, tendo sobre si o poder de controlar e exercer a tortura e a morte, bem como a possibilidade de deixar viver. Para tanto torna-se necessário entender que o Estado goza de soberania, possibilidade de criar em certas regiões um estado de exceção constante, por fim, uma política da morte.

A origem da palavra soberania descende do latim como *supremitas* e *potestas* e significa: Poder Supremo. Pode-se definir que a soberania é a “propriedade de um Estado que não depende de qualquer outra potência” (BUENO, 2017). Para Foucault (1968) ela pode ser manifestada pelo biopoder. De acordo com o filósofo francês, os Estados Modernos incumbiram-se de impor por meio de técnicas um poder sobre o corpo do ser humano e da população em geral. Para Dallari (2011), as características da soberania encontram-se que ela é una, indivisível, inalienável e imprescindível. Ela é única porque não pode ser dividida em duas no mesmo território. É indivisível porque, ela se aplica à universalidade dos fatos ocorridos dentro de seu território. Portanto, é imprescindível porque não existe prazo de sua duração.

Mbembe (2020) parte das reflexões foucaultiana, mas avança tendo em vista que sua visão eurocentrada não lhe permitiu perceber que o estado de exceção não ocorre em um momento específico, para algumas populações em determinados territórios ele é a regra. Nota-se que mesmo partindo do filósofo francês, o filósofo camaronês avança em uma perspectiva decolonial. Tendo em vista que a soberania do Estado pode mesmo manter o controle sobre a vida e também sobre a morte dos sujeitos em determinadas localidades, é através dela

que se cria o Estado de exceção em determinados espaços geográficos, como as favelas e periferias. Em alguns locais “a guerra, afinal, é tanto um meio de alcançar a soberania como uma forma de exercer o direito de matar”. Sobre essas questões Fanon descreve que:

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a médina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade: acorçada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada (FANON, 1968, p. 68)

É nesse contexto que a favela se apresenta em *Tropa de Elite* (2007). Justificando o combate às drogas, a população nas favelas do Rio de Janeiro se vê diante de um contexto no qual de um lado encontram-se os traficantes, como torturadores que fazem a “justiça” com as “próprias mãos”, do outro, a polícia militar retratada – com algumas exceções – como uma instituição corrupta e miliciana. Tentando justificar “que os fins

justificariam os meios”⁴, cria-se a narrativa de uma *Tropa de Elite* que ao mesmo tempo se apresenta como incorruptível, porém é capaz de torturar mulheres, homens e crianças e, se preciso for, até mesmo matar em nome da segurança de um povo que também é sua vítima.

A constante violência vivenciada pela população favelada em *Tropa de Elite*, ora pela polícia militar, apresentada como corrupta e que sobe no morro para pegar o arrego⁵, ora por traficantes que assassinam dois representantes da ONG a sangue frio dando um tiro na cabeça de Roberta Fontes e queimando vivo o administrador Pedro Rodrigues. Esses fatos demonstram que existe uma linha tênue entre os traficantes, aqueles que promovem ações sociais e os moradores. Sendo que a morte de um membro do tráfico foi motivo para que o chefe dos traficantes conhecido como Baiano quebrasse o acordo que até então existia entre esses três representantes da trama.

Em um ambiente em que os direitos civis⁶ encontram-se suspensos, naquela região pode-se tanto torturar quanto matar, a violência urbana acaba produzindo uma narrativa de que a solução para tal sistema seria a aplicação de mais violência, sob o exercício do BOPE. De acordo com Soares (2014):

⁴ Esse jargão é muito utilizado para sintetizar a obra de Maquiavel, mas no pragmatismo maquiavélico que podemos encontrar no Príncipe o autor nunca escreveu esse aforismo. Alguns pensadores como Gramsci discordam da leitura que alguns teóricos realizaram do maquiavelismo. Para uma leitura mais detalhada do maquiavelismo sugerimos o Caderno do Cárcere de Gramsci volume 3 da editora Civilização Brasileira.

⁵ Arrego é o dinheiro do tráfico, pago periodicamente para não ter uma intervenção mais incisiva nas comunidades pela PM.

⁶ Direitos civis são distintos de “direitos humanos” ou “direitos naturais”, também chamados “direitos

solares”. Direitos civis são direitos que são estabelecidos pelas nações, limitados aos seus territórios, enquanto direitos naturais ou humanos são direitos que muitos acadêmicos dizem que os indivíduos têm por natureza (ao nascer). Por exemplo, o filósofo John Locke (1632–1704) argumentou que os direitos naturais da vida, liberdade e propriedade deveriam ser convertidos em direitos civis e protegidos pelo Estado soberano como um aspecto do contrato social. Outros argumentaram que as pessoas adquirem direitos como um presente inalienável da divindade ou em um tempo de natureza antes que os governos se formassem.

O crescimento do sentimento de insegurança resulta em reivindicações populares, como recrudescimento da punição. Todos os cidadãos cariocas estariam sujeitos a sofrerem com a criminalidade urbana, portanto a erradicação desta violência seria válida a qualquer custo. Práticas de “interrogatório” (como a utilização de práticas desumanas como colocar o saco na cabeça da vítima para sufocá-lo e conseguir uma confissão a qualquer custo) perdem o sentido de tortura, por serem vistos como meios necessários para evitar a proliferação do crime. Dentro do imaginário do caos, constituído a partir de números arrebatadores como os índices criminais, o indivíduo perde seu poder de discernimento e a violência passa a ser banalizada, tanto pelo lado dos criminosos como pela polícia. (SOARES, 2014, p. 14)

Percebe-se que para justificar a necessidade de tais atos violentos, cria-se de forma emergencial uma narrativa ficcional do inimigo. Distribui-se assim os seres humanos em divisões e subdivisões. Essas encontram-se nas categorias classe, raça e gênero, que por sua vez, reforçam os estereótipos. A mulher negra é retratada como lasciva e sempre preparada para o sexo como demonstrado numa cena em que ela se apresenta com uma camisinha sempre à mão. Os traficantes são representados como jovens negros que encontram-se com os fuzis AR-15 em punho. Mesmo quando tenta fugir desses estereótipos a obra acaba por reforçá-los. Como é o caso do líder do tráfico conhecido como Baiano. Nordestino, branco, sempre representado com sua arma na cintura e as vezes vestido com uma camisa do guerrilheiro Che Guevara, chega a chamar de camarada um dos seus comparsas morto pelo policial Neto.

Essa divisão é necessária para colocar de um lado os brancos da classe média e do outro, negros, pobres e favelados. Opera-se assim, o racismo. A raça encontra-se relacionada à política da morte, pois “matar o inimigo do Estado é um prolongamento do jogo”. Esse processo ocorre nas suas “formas de crueldade mais íntimas, sinistras e lentas” (MBEMBE, 2020, p. 22).

Uma vez criada tal narrativa na favela retratada em *Tropa de Elite*, percebe-se a “subjugação do corpo”, o “darwinismo social”, a “eugenia”, como traços evidentes de uma prática em que nesse espaço o exercício do poder ocorre à margem da lei e a tentativa de encontrar a “paz” serve apenas para consolidar uma “guerra sem fim”. (MBEMBE, 2020, p. 33). Nesses espaços aplica-se a crença de que são habitados por “selvagens”. Não estaríamos diante de um ambiente organizado de forma estatal em que se projeta um mundo humano ou a sua possibilidade, por isso, “seus exércitos não formam uma entidade distinta, e suas guerras entre exércitos regulares” (MBEMBE, 2020, p. 34-35). Conforme retratado em *Tropa de Elite*, as favelas ocupam o mesmo lugar que Mbembe descreve para as colônias. Para o autor:

Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos - a zona em que a violência do estado de exceção opera a serviço da “civilização”. O fato de que as colônias podem ser governadas na ausência absolutamente de lei provém da negação racial de qualquer vínculo comum entre o conquistador e o nativo. Aos olhos do conquistador, “vida selvagem” é apenas outra forma de “vida animal”, uma experiência assustadora, algo radicalmente outro (alienígena), além da imaginação ou compreensão. (MBEMBE, 2020, p.35)

Os “selvagens”, representados pelos favelados, não são seres humanos, pois falta-lhes a característica específica do gênero, sendo assim sub-humanos, na realidade social em que encontram-se inseridos. A tal ponto que, quando perseguem, torturam e matam não é apresentada, por parte dos policiais do BOPE, a consciência de cometerem um crime para com esses indivíduos. Nota-se que o oposto não ocorre, pois com os estudantes universitários e brancos a soberania de matar não pode ser realizada de forma plena. Ao contrário do que ocorre na favela, em que não está restrito a nenhuma regra, nenhum costume e nem mesmo a lei. Sobre esse aspecto Mbembe (2018) descreve que:

Lá, o soberano pode matar a qualquer momento ou de qualquer maneira. A guerra colonial não está sujeita a normas legais e institucionais. Não é uma atividade codificada legalmente. Em vez disso, o terror colonial se entrelaça constantemente com o inimigo imaginário colonialista, caracterizado por terras selvagens, morte e ficções que criam o efeito de verdade. (MBEMBE, 2020, p. 36)

A maneira de gerir o Estado está relacionada, entre outros problemas, com uma racionalização vinculada ao neoliberalismo, ao racismo, ao discurso do inimigo interno e tantas outras categorias que estão vinculadas à dinâmica das relações do Estado brasileiro. Destaca-se as forças internas de segurança que geram as formas de morrer. As forças armadas aqui representadas pelo BOPE definem quem vai ser morto, como vai ser morto, quem vai morrer e como vai morrer. Esse processo é a necropolítica.

Não é apenas matar, é o produzir a morte ou condições análogas, mais do que isto, gerir condições mortíferas. Trata-se que determinadas regiões, como as favelas, estejam permanentemente submetidas a

um controle de condições imprescindíveis à sobrevivência em níveis mínimos. Há um controle marcado constantemente pelo risco da morte. Quando pensamos a realidade nas favelas e periferias com o perigo de ser morto diariamente fazendo com que o Estado de exceção se transforme em norma nessas regiões.

Outra questão importante para se pensar a necropolítica é que alguns grupos agem de forma paralela ao Estado, ou, com sua parceria, passam também a gerir a política da morte. Entre eles, destacam-se o narcotráfico e as milícias, como é perceptível no filme *Tropa de Elite*. No tocante a política, ela pertence ao Estado e acaba agindo em muitos casos em seu nome ou pela legitimação que lhe foi concedida. No caso do narcotráfico, temos o oposto, a ausência dos aparelhos estatais para garantir direitos básicos, acaba deixando espaço para o surgimento de grupos que, mesmo não pertencendo ao aparelho de Estado, podem ser usados como justificativa para ações mais invasivas dentro do ambiente da favela. Com isso, não podemos esquecer que os narcotraficantes agem como poder paralelo ao sistema estatal, são eles que gerem as condições mortíferas em várias regiões brasileiras e mais especificamente no Rio de Janeiro, conforme demonstrado na obra fílmica. Não se investe assim no sistema público de saúde, educação, saneamento básico, segurança pública para que os indivíduos possam (sobre)viver de forma “limítrofes”, ou seja, muito próximas à morte. Sobre essa categoria Mbembe descreve:

Neste ensaio, argumentei que as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. Demonstrei que a noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da

vida ao poder da morte. Além disso, propus a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”. O ensaio também esboçou algumas das topografias reprimidas de crueldade (fazenda e colônia, em particular) e sugeriu que, sob o necropoder, as fronteiras entre resistência e suicídio, sacrifício e redenção, martírio e liberdade desaparecem (MBEMBE, p. 2018, p. 71)

Em suma, se na análise foucaultiana o poder pode ser pensado de forma positiva, ou seja, como uma maneira de criação em que se manifesta em rede, Mbembe foi além dessa definição e compreendeu que o estado de exceção retira de determinadas populações os direitos civis e humanos, não como uma especificidade, porém como regra [ou norma, para empregar um termo utilizado por Foucault]. Algumas comunidades acabam vivendo em espaços em que a guerra não é uma realidade dentro do cotidiano dessas populações, mas uma realidade cotidiana e vivenciada por essas pessoas. Moradores da favela em *Tropa de Elite* acabam tendo que conviver com a possibilidade de tortura e morte. Para que a necropolítica possa atuar de forma plena por meio das instituições como o Batalhão de Operações Especiais, é necessário criar uma narrativa do inimigo interno com a justificativa de combate às drogas ao ponto de a sociedade ver nesses grupos inimigos ameaças ao “bom andamento do corpo social”. Com isso, manter a “ordem” é matar o inimigo interno.

Considerações finais

O filme *Tropa de elite* é uma obra relevante para compreender categorias como, representificação, biopoder e necropolítica. Nota-se que ao demonstrar as possíveis relações entre cinema e representificação, saímos da visão convencional de analisar as possibilidades apenas pelo itinerário do “economicismo”. Criamos assim, um campo em que se afasta de uma crítica hermenêutica centrada no autor. Estabelecemos nexos entre cinema como fonte documental e conhecimento da realidade que nunca é dado, mas pode ser constantemente aproximativo e ressignificado.

Partindo dessa poética, notamos que compreender as possibilidades polissêmicas dentro da película foi fundamental para criar um elo entre a vida dentro das favelas e os mecanismos de controle do corpo, como o biopoder. Assim, a categoria raça gera um protagonismo para entender como se processa o controlar dos corpos transformados em doces e úteis dentro do ambiente da favela por meio de torturas e do racismo estrutural. Quando esse aspecto ocorre muitos desses corpos negros são execrados, eliminados com poucas possibilidades de fugir do seu destino, tendo em vista a narrativa criada para justificar tal sucumbir. Nesse último caso, existem variantes que vão desde o combate as drogas, quanto a segurança do playboy que sobe o morro para garantir que fumar um cigarro de maconha é seguro. Com isso, não é que se faz, porém quem o faz.

Outro aspecto relevante é que o conceito de necropolítica vai estabelecendo nexos entre o estado de exceção e a morte dentro das comunidades periféricas e favelas pelas mãos do Bope. Nesse sentido, esses espaços não tem lei. Seus moradores vivem um estado de retirada de direitos e

com a iminente fomentação de serem mortos. Seja nas mãos da polícia ou de traficantes a população negra e mais carente é o alvo.

Nesse ínterim, o filme nos permite não só uma leitura, mas uma multiplicidade inesgotável de ressignificações e reflexões. Na representificação, o telespectador é também um “co-autor”. E isso, só é possível tendo em vista que a arte não é algo fechado em si mesma e nem mesmo uma cópia do real, mas abre múltiplas possibilidades de refletir as possíveis relações entre o cinema como documentário e o conhecimento da realidade da qual a produção parte. O que apresentamos aqui é uma das leituras possíveis e aproximativa e não uma defesa de uma única leitura como algo preestabelecida.

Referencias

BUENO, S. **MiniDicionário da Língua Portuguesa**. 2ª. Ed. São Paulo: FTC, 2017. p. 720.

DALLARI, D. de A. **Elementos de Teoria Geral do Estado**. 30º ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

FANON, F. **Os Condenados da Terra**. 1º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 1968.

FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**: Curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da prisão**. 42º ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

FRANCO, F. L. de A. **Da necropolítica à negrogovernabilidade: um estudo sobre os dispositivos de desaparecimento no Brasil** (tese doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.

FRANCO, F. L. F. N. **Necropolítica: entenda o que é a política da morte**. YouTube. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=w5Ebmeh2Nk>. Acesso em 20 de julho de 2020.

MBEMBE, A. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. 5º Impressão. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MENEZES, P. **Tropa de Elite: Perigosas Ambiguidades**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 28, nº 81, p. 63-75 fev./2013. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n81/05.pdf> >. Acesso em 20 de julho 2020.

MENEZES, Paulo. (2004a), "O cinema documental como representificação: verdades e mentiras nas relações (im)possíveis entre representação, documentário, filme etnográfico, filme sociológico e conhecimento", in, Sylvia Caiuby Novaes et al. (orgs.), *Escrituras da imagem*, São Paulo, Edusp, pp. 21-48.

MENEZES, Paulo. **Representificação: as relações (im)possíveis entre cinema documental e conhecimento**. *Rev. bras. Ci. Soc* [online]. 2003, vol.18, n.51, pp.87-98. ISSN 1806-9053. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000100007>.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução Maria Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005.

SANTANA, E. C.; SANTANA, S. B. P. **A Eutanásia e o exercício do poder: uma análise do filme menina de ouro**. Revista Reflexão e Crítica do Direito. Vol. 7, nº 1, p. 2-20. Jan-jun./2019. Disponível em <http://revistas.unaerp.br/rcd/article/view/1435>>. Acesso em 22 de julho 2020.

SOARES, L. A. **Reinterpretações de Tropa de Elite: Multiplicidade e Mediações Discursivas**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA (UFU), B. K. (2011). **Que importa quem fala? – O desaparecimento do autor segundo Michel Foucault**. *Intuição*, 4(2), 123-132. Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuicao/article/view/9676>

Recebido em 2020-09-27
Publicado em 2021-11-01